

O triunfo do bem sobre o mal no sertão nordestino

Fabio Fonseca*

Resumo

Vencendo o dragão para libertar a princesa, Juvenal, personagem do cordel “Juvenal e o dragão” de Leandro Gomes de Barros, parece ser uma das formas de representação da vitória do bem sobre o mal presente no imaginário popular nordestino. Com uma história, oriunda da Idade Média, calcada na de São Jorge, elementos éticos e morais cristãos, podem ser identificados na epopéia de Juvenal. Representada pelo gravador pernambucano Gilvan Samico, a história narrada no cordel revela um aspecto medieval presente na cultura popular do nordeste brasileiro. Transmitido através da cultura oral, da literatura ou das artes plásticas, a permanência do tema pode ser vista como um enraizamento da ética cristã na sociedade brasileira.

Palavras-chaves: 1. Bem e mal, 2. São Jorge, 3. Dragão.

Résumé

Au terrasser le dragon pour libérer la princesse, Juvenal, personnage du *cordel* “*Juvenal e o Dragão*” de Leandro Gomes de Barros, ressemble d’être une des façon de représentation de la victoire du bien sur le mal present dans l’imaginaire populaire du Nord-Est brésilien. Avec une histoire, originaire du Moyen Âge, fondé sur l’histoire de Saint Georges, des éléments éthiques e morales chrétiens, peuvent être identifiés dans l’épopée de Juvenal. Représenté par le graveur pernambucano Gilvan Samico, l’histoire racontée dans le *cordel* révèle des caractéristiques médiévales dans la culture populaire au Nord-Est brésilien. Transmis par la culture orale, par la littérature ou par les arts, la continuité du thème peut être vue comme un racinement de l’éthique chrétienne dans la société brésilienne.

Mots-clés: 1. Bien et mal, 2. Saint Georges, 3. Dragon.

A luta do herói contra o dragão para libertar a princesa é o tema central do cordel “Juvenal e o dragão” de Leandro Gomes de Barros (1865-1918). O cordel referido está em domínio público¹ e a edição fac-similar disponível em mídia digital data do ano de 1974. No entanto não há uma precisão quanto à data da autoria. Segundo Ivone Maya, no decorrer do tempo, até mesmo muitos versos originais foram alterados por João Martins de Athayde, o editor que adquiriu os direitos de edição da obra de Barros².

A história narra as peripécias de Juvenal. Um rapaz pobre que herda três carneiros com a morte de seu pai, deixa sua irmã aos cuidados do padrinho e parte. Logo troca os

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em arte da Universidade de Brasília.
Orientadora Professora Doutora Maria Eurydice Ribeiro.

Agência financiadora: Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF).

¹ Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn000014.pdf>

² Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_pesquisa.html

carneiros por três cachorros mágicos que o acompanham em sua busca por aventuras e o ajudam a vencer um dragão, libertando assim, uma princesa de ser devorada pelo monstro. A princesa apaixona-se por seu salvador, mas o moço a deixa com a promessa de retornar depois de três anos e parte em busca de mais aventuras. Ao desposar a princesa no final da história, Juvenal manda um cortejo buscar sua irmã, e então finalmente, seus cães, considerando sua missão terminada, transformam-se em pássaros e partem.

Não somente no tema da luta contra o dragão, que simboliza a luta do bem contra o mal, mas em diversas partes da narrativa, podem ser percebidos elementos da ética cristã. A fé em Deus parece ser um ponto determinante no desenrolar da história, assim como a lealdade aos princípios familiares e os juramentos feitos ao Senhor. A falsidade e a vilania, associadas ao mal, acabam sendo vencidas pelas virtudes, como pode ser visto nos primeiros versos da epopéia (BARROS, 1974:1):

*Quem ler esta história tôda
do jeito que foi passada
verá que o falso é vil
nunca nos serviu de nada
a honra e a fidelidade
sempre foi recompensada*

O poder Divino é evocado demonstrando que o Criador é mais forte que todas as coisas na terra e basta ter fé em Deus para vencer até mesmo as maiores dificuldades. Durante o momento no qual Juvenal decide enfrentar a fera, ele demonstra temer somente a Deus por tê-Lo ao seu lado, representado pelos cães mágicos (BARROS, 1974:8):

*...nunca temi a inimigo
eu junto com meus 3 cães
só Deus poderá comigo
enfrento um cento de feras
não digo que vi perigo*

Durante a luta de Juvenal contra o dragão, a princesa roga a Deus que a proteja e ao seu herói. A força Divina atua em favor do herói que vence a fera graças à interferência de um dos cães e das súplicas da princesa (BARROS, 1974:10):

*(a princesa) Ajoelhou-se por terra
implorando ao Criador:
-Valei-me pai poderoso
livrai-me dêste terror
salvai também êste moço
do dragão devorador!*

*-Também prometo, Senhor
meu pranto não é fingido
se nessa luta sangrenta
o jovem não for ferido
quando voltar ao reinado
farei dêle meu marido!*

No entanto, o cocheiro que transportava a princesa, percebe que Juvenal segue seu caminho se recusando a receber algum prêmio em troca de ter salvado a donzela. Durante o caminho de volta, para obter os méritos de herói, o cocheiro diz à princesa que conte ao monarca que foi ele quem matou a besta, ameaçando matá-la jogando-a de uma ponte caso ela se recusasse a fazê-lo. A princesa, para salvar sua vida, jura perante Deus confirmar a versão do vilão (BARROS, 1974:15):

*-Eu juro perante a Deus
que negarei a verdade
quando chegar lá na côrte
farei a vossa vontade
digo que matou a fera
que devorava a cidade*

Mais adiante, quando o rei promete dar a mão de sua filha ao cocheiro por acreditar que o traidor era o verdadeiro herói, a princesa precisa manter a lealdade à jura que fez perante Deus e lamenta seu destino por ter que confirmar a versão do vilão (BARROS, 1974:19):

*A princesa quando ouviu
falar-se em tal casamento
mudou de côr de repente
quase dar-lhe um passamento
-Oh! meu Deus, dizia ela
pra que fiz tal juramento?!*

*E correndo pra seu quarto
num pranto desensofrido
exclamava: meu bom pai
oh! quanto tenho sofrido!
mandai Juvenal, meu Deus
coitado, êle foi traido!*

Durante três anos a princesa consegue atrasar o dia do casamento alegando estar doente. Mas o rei finalmente marca a data das bodas de sua filha que coincide com o dia do retorno de Juvenal. O herói acaba por desmascarar o vilão libertando a princesa novamente e casando-se com ela.

Juvenal, então, manda um cortejo buscar sua irmã. Os cães ao verem que o jovem manteve-se leal aos seus princípios familiares consideram sua missão terminada (BARROS, 1974:15):

*Os cães vendo a menina
ficaram de prontidão
e disseram a Juvenal:
está finda nossa missão
queríamos ver se a riqueza
mudava teu coração*

Os cães eram encantados

*não podiam ter demora
se viraram em 3 pássaros
alvos da côr da aurora
disseram: adeus Juvenal!!...
voaram e foram embora*

Em uma análise mais minuciosa provavelmente seriam encontrados mais elementos da ética e da moral cristã. Como no caso de Juvenal, que parte com três carneiros, podendo ser identificado com a figura do pastor. Ou até mesmo buscar algum significado mais profundo no nome de sua irmã: Sofia. No entanto o que foi ressaltado é suficiente para identificar o tema do cordel com o tema medieval da história de São Jorge, o cavaleiro que, em nome de Deus, vence o dragão, símbolo do mal, libertando, assim, a princesa e seu povo do domínio da serpente gigante.

Apesar da epopéia de Juvenal usar o mesmo tema da história do santo guerreiro, uma série de diferenças podem ser apontadas entre as duas. Segundo a Legenda Áurea (de VARAZZE, 2003:367-370), há duas versões do confronto com o monstro. São Jorge ao atacar o dragão faz o sinal da cruz, em uma delas o mata no momento da luta, na outra, com um golpe o derruba e diz à princesa que coloque seu cinto em torno do pescoço do dragão. Isso o torna manso, que os segue até a cidade, onde o povo fica amedrontado ao vê-lo. Mas Jorge diz ao povo para crer em Cristo que ele mataria o dragão. “Então o rei e todo o povo foram batizados e o bem-aventurado Jorge desembainhou a espada e matou o dragão”. No entanto na versão do santo ele não se casa com a princesa e orienta ao rei que dê aos pobres o prêmio em dinheiro a ele oferecido. Antes de partir, dá quatro conselhos ao rei, “cuidar das igrejas de Deus, honrar os padres, ouvir com atenção o ofício divino e nunca esquecer os pobres”. O santo futuramente sofre martírios, aplicados por ordem do governador romano, por se proclamar cristão. Porém, as torturas não agridem seu corpo graças a sua fé em Deus e em Jesus Cristo.

Hilário Franco Júnior, na apresentação da Legenda Áurea (de VARAZZE, 2003:17), ressalta a importância do símbolo na linguagem bíblica, “fundamental para a Idade Média”, pois “permite entrever algo, [...] antes de se poder vê-lo no Além”. Franco observa que, na Legenda Áurea, tanto o “enquadramento geográfico das vidas dos santos” como seus perfis são quase sempre os mesmos, o que sugere a presença dos mesmos mitos ou temas nas histórias de santos diferentes. Segundo o autor, o demônio pode assumir, entre outras, a forma de um dragão e mesmo quando o símbolo é revelado “não minimiza o poder da coisa simbolizada: o sinal da cruz salva” e confere ao santo poderes extraordinários, que o permitem suportar martírios e vencer desafios que seriam intransponíveis sem a fé em Deus.

Uma representação da história de São Jorge é a de Paolo Ucello (fig.01) do ano de 1455. Na obra de Ucello pode-se perceber uma proximidade com o texto da *Legenda Áurea*. A princesa participa do acontecimento como é descrito na lenda do santo, colocando seu cinto em torno do pescoço do dragão tornando-o manso. O movimento em espiral formado pelas nuvens, que contrastam com o resto do céu azul, posicionadas sobre o santo, parece conferir um impulso celestial divino ao ato de São Jorge. A pintura florentina do santo faz parte de um conjunto de obras do Proto-Renascimento que ocorreu em Florença aproximadamente na primeira metade do século XV. Pode-se perceber na obra de Ucello uma organização das figuras com relação à profundidade do espaço, as linhas formadas pela área de vegetação no solo e pelo arvoredado à direita indicam que o artista já desenvolvia estudos da perspectiva que virá a ser bem trabalhada durante o renascimento.



Fig. 01 – Paolo Ucello – *São Jorge e o dragão*, 1455, óleo sobre madeira, 57 x 73cm.

Fonte: <http://www.wga.hu/art/u/uccello/6various/5dragon1.jpg>

A representação pintada por Ucello, na qual o dragão é inicialmente domesticado, indica uma possível relação entre a cultura eclesiástica e a cultura folclórica. Jacques Le Goff (LE GOFF, 1993:221-261) utiliza a história de São Marcelo, de Paris, que também vence um dragão, como exemplo da vitória do bem sobre o mal presente na moral cristã. No entanto o autor aponta que o dragão possui vários significados diferentes conforme cada cultura. Segundo a interpretação folclórica o dragão simboliza as forças da natureza, em contraste com a representação cristã que estabelece uma relação da referida besta com o mal ou com o diabo. De acordo com o autor, a domesticação do monstro como natureza pode significar a vitória do cristianismo contra o paganismo, muitas vezes associado com elementos naturais, existente nos locais onde a Igreja procurava se estabelecer durante a Idade Média. São Jorge, santo oriundo da tradição bizantino russa, segundo Le Goff, surge no Ocidente na época das Cruzadas, para contribuir com a ascensão social da aristocracia militar, como um dos cavaleiros que, ao lado do clero, lutam contra o dragão.

Para Le Goff (LE GOFF, 1990:442-451), a difusão do cristianismo no Ocidente medieval contribuiu para o desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos

santos. O autor aponta, no entanto, que apesar da memória cristã se manifestar “essencialmente na comemoração de Jesus, [...] a um nível mais ‘popular’ cristalizou-se sobretudo nos santos e nos mortos”. Ainda segundo o autor, no domínio literário, a oralidade permanece ao lado da escrita e “a memória é um dos elementos constitutivos da literatura medieval”. Segundo Le Goff a “canção de gesta” (*chanson de geste*) contribui com processos de memorização não somente por parte daqueles que a interpretavam, mas também por parte dos ouvintes.

A canção de gesta, segundo Paul Zumthor (ZUMTHOR, 1972:455), foi um dos gêneros literários mais típicos da civilização do Ocidente medieval nos séculos XII a XIV. Trata-se de poemas épicos em língua vulgar que, em sua quase totalidade, narra grandes feitos heróicos. Para o autor (ZUMTHOR, 1972:323-324), o modo de construção das canções de gesta, que procura reproduzir partes da narrativa dentro dela mesma, bem como a maneira cantada de recitá-las, conferem a elas uma facilidade de memorização.

A memorização dos temas ou das formas contribuiu com a continuidade das histórias narradas. Para Zumthor (ZUMTHOR, 1987:171), o repertório dos poetas populares do Nordeste brasileiro é prova da continuidade oral da epopéia carolingiana. Desde o tema heróico, como a reprodução de trechos da narrativa dentro dela mesma e a maneira cantada de recitar a poesia épica, podem ser observados no cordel de Juvenal. O que parece comprovar esse parentesco do cordel com a canção de gesta apontado por Zumthor. Segundo Arnold Hauser (HAUSER, 2000:159-170), a poesia épica contida na coleção de Carlos Magno, que foi perdida posteriormente, narrava as histórias de heróis que já haviam sido exaltados em épicas anteriores. Durante o período que se seguiu “a forma épica teve de ser adaptada a temas bíblicos e expressar os pontos de vista do clero se não quisesse ser inteiramente varrida da literatura”. De acordo com o autor, “a poesia heróica deve ter sido preservada a par da literatura monástica numa outra forma, mais parecida com a original, antes de ressurgir nos poemas épicos da cavalaria cortesã”. Para Hauser ela sobrevive entre as classes inferiores, entretanto se tornou popular somente “entre o final da idade heróica e o começo da idade da cavalaria”, no entanto, não se tornou poesia popular, “permaneceu nas mãos de poetas profissionais que, [...] quase nada tinham em comum com o modo ingênuo e impessoal do povo”.

Hauser apresenta três teorias que contribuem com o entendimento do que ocorreu com a poesia épica durante a Idade Média. A interpretação romântica sugere que os poemas eram construídos no decorrer de gerações e a poesia era fruto de uma “improvisação coletiva”, que ela cresce “mediante a transmissão da saga heróica de uma geração para a seguinte, e só deixa

de crescer quando ingressa na literatura propriamente dita”. Uma segunda interpretação demonstra que as narrativas heróicas surgem como canções e posteriormente recebem contribuições populares distintas conforme as lendas locais. Finalmente uma terceira teoria que aponta para uma contribuição dos clérigos e dos menestréis, segundo a qual, os menestréis recitavam canções ao longo das rotas de peregrinação, perto das igrejas e dos mosteiros e que atuavam, de certo modo, como porta-vozes dos monges, pois as canções divulgavam “as histórias dos santos e heróis que estavam ali sepultados, ou cujas relíquias eram ali preservadas”. Segundo Hauser apenas após essas interpretações distintas foi possível entender a épica como uma espécie de “poesia hereditária a meio caminho entre a poesia artística, com sua liberdade de movimento, e a poesia popular, com seus fortes vínculos tradicionais”.

A proximidade entre a cultura clerical e a folclórica, segundo Zumthor (ZUMTHOR, 1972:322-323), pode ser percebida também pela unidade formal entre as canções de gesta e as “canções de santo” (*chanson de saint*). O autor apresenta algumas diferenças quanto ao tema utilizado e quanto ao número de versos em cada um dos casos, mas apresenta também as semelhanças quanto ao modo da narrativa, à maneira cantada de recitar a poesia e a estrutura formal dos poemas.

A xilogravura do gravador pernambucano Gilvan Samico (fig.02), não se trata da ilustração da história do santo guerreiro, mas da epopéia narrada no cordel de Leandro Gomes de Barros. No entanto, apesar das diferenças entre as histórias o tema se mantém o mesmo. Juvenal não tem a ajuda de um cavalo, mas seus três cães mágicos o auxiliam na luta que ocorre em frente à gruta do dragão. Grande importância é atribuída à serpente alada, pois além de ser o único elemento colorido, está situada em espiral no centro da gravura, e parece flutuar. As aves ao fundo indicam a justaposição de acontecimentos que ocorrem em tempos distintos, dando um sentido cronológico na narrativa ilustrada.



Fig. 02 – Gilvan Samico – *Juvenal e o dragão*, 1962, xilogravura, 45 x 51,5cm.

Fonte: SAMICO: do desenho à gravura

Essa xilogravura indica um momento de transformações pelo qual a obra de Samico passou. O artista iniciou seu trabalho ligado ao Ateliê Coletivo da Sociedade de Arte Moderna

do Recife. Mais tarde, após ter morado em São Paulo e no Rio de Janeiro e estudado com Lívio Abramo e Oswaldo Goeldi, retorna à Pernambuco. Samico expõem a seu amigo Ariano Suassuna uma insatisfação com sua própria obra, pois sua gravura era “muito noturna e não tinha uma sinalização de que [...] estava fazendo uma arte no Brasil” (SAMICO, 2004:33). Suassuna, então, sugere ao amigo mergulhar no mundo do cordel, o que resultou em uma gravura mais clara, com o uso da linha preta. Diferente de suas gravuras produzidas até então, nas quais o artista usava a linha branca no contorno dos objetos. Assim os elementos ficavam envoltos em uma atmosfera escura. As gravuras de Samico também começam a apresentar um caráter mais plano, dessa maneira o real que ocupava um lugar no espaço e nos fazia penetrar no ambiente vivendo toda a história contida na gravura, cede sua vez para o imaginário, que convertido em superfície, encerrado dentro de um limite definido por uma linha preta no contorno, estaciona no tempo. A noção de cronologia é passada através da justaposição de elementos da narrativa que acontecem em momentos diferentes. As hachuras são usadas para definir superfícies e não mais para criar a noção de volume, o espaço torna-se plano.

No entanto, não foi somente o cordel que alimentou a obra de Samico com temas religiosos. Temas bíblicos e medievais também estão presentes na obra do artista em gravuras como *Tentação de Santo Antônio*, *Apocalipse*, entre tantas outras.

Segundo Hilário Franco Júnior, (de VARAZZE, 2003:12-14), o frade dominicano Jacopo de Varazze, com sua coletânea hagiográfica, tinha o objetivo de fornecer aos seus colegas um material “isento de qualquer contágio herético” para a elaboração de seus sermões. Mas também precisaria ser “compreensível e agradável aos leigos que ouviriam a pregação”. Franco atenta para a formação das ordens franciscana e dominicana que atuavam junto aos leigos, ao contrário dos monges tradicionais. Nesse contato, os seguidores de Domingos de Guzmán (1170-1221) e de Francisco de Assis (1182-1226) “recorriam mais às línguas vulgares que ao latim, mais às narrativas de fundo folclórico que aos textos teológicos”. Isso, não por lhes faltar o saber erudito, mas pela necessidade de estabelecer uma comunicação acessível à população em geral. Franco observa que o material obtido para a composição da *Legenda Áurea* “era recolhido ao mesmo tempo em fontes eruditas, em textos apócrifos, nas tradições orais e ainda, menos frequentemente, na experiência pessoal do autor”.

Hauser aponta para os ideais cavaleirescos medievais (HAUSER, 2000:210), e que são encontrados nas histórias de São Jorge e de Juvenal. Segundo o autor, os valores defendidos pelos cavaleiros estavam calcados em uma ética clássica “numa forma cristianizada”. As atitudes dos cavaleiros estavam pautadas em virtudes como,

“em primeiro lugar na magnanimidade para com os vencidos, na proteção dos fracos e no respeito para com as mulheres, na cortesia e galanteria; e, em segundo lugar, nas qualidades que ainda caracterizavam o moderno cavaleiro, como a generosidade, a relativa indiferença diante das oportunidades de lucro, a probidade e a decência a todo custo”.

Muitas dessas virtudes podem ser percebidas na saga da luta contra o dragão, que até mesmo servem como pontos de identificação entre uma narrativa e outra.

Podemos estabelecer também, ainda segundo Hauser, mais uma proximidade do cordel com a Idade Média (HAUSER, 2000:270), nesse aspecto, não através do texto, mas pelas toscas xilogravuras utilizadas para estampar as capas dos populares livretos de cordel. Segundo o autor a xilogravura surge como uma alternativa acessível às pessoas simples, por serem estampas relativamente baratas e é utilizada também como um modo de ilustração de textos.

Um dos aspectos que esse texto pretende salientar é a continuidade de temas e mitos no decorrer do tempo. Procurou-se demonstrar que há um enraizamento da ética e da moral cristã na cultura popular nordestina que, de certo modo, direciona boa parte de sua produção cultural e artística, trazendo à tona valores oriundos da Idade Média.

Referências Bibliográficas:

BARROS, Leandro Gomes de. *História de Juvenal e o Dragão*. Juazeiro, 1974.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*; tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*; tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média*; tradução Maria Helena da Costa Dias. Editorial Estampa, 1993.

SAMICO: do desenho à gravura. São Paulo 2004. 80 p. Catálogo de exposição, agosto / setembro de 2004, Pinacoteca do Estado de São Paulo.

de VARAZZE, Jacopo, Arcebispo de Gênova. *Legenda Áurea: Vidas de Santos/Jacopo de Varazze*; tradução do Latim, apresentação, notas e seleção iconográfica, Hilário Franco Júnior. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.

ZUMTHOR, Paul. *Essai de poétique médiévale*; Paris: Editions Du Seuil, 1972.

ZUMTHOR, Paul. *La lettre et la voix de la “littérature” médiévale*; Paris: Editions Du Seuil, 1987.